

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC

CURSO DE JORNALISMO

Fernanda Carvelli Azzolini

LIVRO-REPORTAGEM

Modernice em xeque:
Pedagogia Waldorf sobrevive em meio ao turbilhão
contemporâneo

Bauru
2010

LIVRO-REPORTAGEM

Modernice em xeque:
Pedagogia Waldorf sobrevive em meio ao turbilhão
contemporâneo

Projeto Experimental apresentado como Projeto de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

Orientador Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

Bauru
2010

LIVRO-REPORTAGEM:

Projeto Experimental de Projeto de Conclusão de Curso apresentado como requisito para formação no curso de Jornalismo, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Orientador Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho – FAAC/Unesp-Bauru
Doutor em Ciência pela Universidade de São Paulo

Prof. ^a Esp. Ana Lúcia Sant’Ana Lopes
Pós-graduação em Pedagogia Waldorf pela Federação das Escolas Waldorf do Brasil
na Aitiara Escola Waldorf em Botucatu/SP

Prof. Dr. Ângelo Sottovia Aranha – FAAC/Unesp Bauru
Doutor em Comunicação e Poéticas Visuais pela Universidade Estadual Paulista

RESUMO

A intenção deste livro-reportagem é apresentar ao leitor o que é a Pedagogia Waldorf. Descrever um método de ensino antigo, mas nem por isso ultrapassado, que se difere em diversos aspectos ao método convencional. A partir de entrevistas, visitas e pela experiência ativa durante as aulas nas Escolas Waldorf, é possível traçar as características da pedagogia de uma forma menos didática e mais jornalística-literária, tendo como foco o ser humano e não a instituição. Não é recente a discussão acerca da educação, ou como muitos diriam, da falta dela. Parte-se do princípio que será sempre um tema relevante para a sociedade e indissociável do desenvolvimento de um país. Discutir a pluralidade de métodos de ensino das escolas já é uma forma de melhorar o debate sobre o assunto. O trabalho desenvolvido busca o esclarecimento para aqueles que desconhecem ou sabem pouco sobre a Pedagogia Waldorf e coloca em xeque a necessidade da tecnologia nas fases iniciais do desenvolvimento humano.

Palavras chave:

Educação – Pedagogia – Waldorf - Jornalismo

ABSTRACT

The purpose of this report-book is to demonstrate what is the Waldorf pedagogy. Describing an old, but not outdated, teaching method that differs from the conventional ones. Analysing all the interviews, visits and activities experiences during the classroom at Schools Waldorf, it's possible to determine some characteristics of this pedagogy in a less didactic way, focusing in journalistic-literary aspects and also the human being - instead of the institution. The discussing about the education and all problems about it, is a common activity nowadays, but remains an important and relevant society theme, whose power affect the development process of a country. Analysing all kinds of pedagogy methods it's a way to improve the discussing about it. The main goal of this research is showing the Waldorf pedagogy for those who don't know nothing about it and also make us to realize the real importance of the technology during it's growth.

Keywords:

Education – Pedagogy - Waldorf - Journalism

Sumário

- 1. INTRODUÇÃO – 6**
- 2. JUSTIFICATIVA - 8**
- 3. OBJETIVO - 11**
- 4. DESENVOLVIMENTO – 12**
 - 4.1 O tema - 12
 - 4.2 A Pedagogia Waldorf - 12
 - 4.2.1 Aplicação da Pedagogia – 15
 - 4.3 O livro-reportagem – 20
 - 4.3.1 História - 21
 - 4.3.2 Jornalismo e Literatura – 23
- 5. ESTRUTURA DO LIVRO - 25**
 - 5.1 O percurso - 25
 - 5.2 Capítulos - 28
- 6. PROJETO GRÁFICO - 31**
- 7. CRONOGRAMA - 32**
- 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS - 33**
- 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - 34**
- 10. ANEXOS - 35**

1.INTRODUÇÃO

Até o término do terceiro colegial frequentei quatro escolas, todas particulares. Três em São Paulo, capital paulista, e uma no interior do Estado de S. Paulo. Duas ligadas à religião católica. Desde que comecei o trabalho a respeito da Pedagogia Waldorf, com a leitura de inúmeros textos, tentei lembrar como foram meus anos iniciais na escola e, principalmente, como eles contribuíram para o meu desenvolvimento artístico e intelectual. Infelizmente, a memória falhou. Entender como foi a minha formação auxiliaria na compreensão de um método de ensino que se diferencia do convencional. Ative-me a partir da sétima série aproximadamente. Primeiramente com livros didáticos, depois apostilas já ligadas ao vestibular, vivi meus anos escolares. Precisei decorar muita coisa e pouco se restou. Lembro-me das aulas massantes de Física, Química, Matemática e Biologia. Excesso de informações que, se questionadas hoje, não saberia nem ao menos a metade.

O ensino se modifica constantemente e acredito que qualquer mudança atual está diretamente atrelada à tecnologia. O computador, por exemplo, começou a ser usual quando eu estava mais ou menos na oitava série. Hoje, as crianças nascem com um *notebook* debaixo do braço. O conteúdo pedagógico das escolas, atualmente, é pautado para suprir as demandas da era da tecnologia. Isso significa que, quanto antes a criança souber ler, falar inglês e utilizar o computador, mais bem sucedida ela será no futuro. Não é culpa dos pais que querem o melhor para os seus filhos, tampouco da escola que quer agradar aos pais e ao próprio bolso. Mas, afinal, existe uma fórmula certa? Será que essa maturidade antecipada é realmente benéfica para o desenvolvimento da criança?

“Modernice em xeque” procura refletir sobre como estamos reféns da tecnologia e do tempo e, a partir dessa constatação, busca debater com o leitor o valor das ações relacionadas à Pedagogia Waldorf e aos pequenos detalhes que podem fazer a diferença no desenvolvimento da criança como ser humano, e não como uma máquina de repetir conceitos decorados.

A Pedagogia Waldorf foi criada em 1919 por Rudolf Steiner, na Alemanha, e hoje está presente em mais de mil escolas por 40 países. No Brasil, a primeira escola Waldorf foi fundada em 1956, na cidade de São Paulo.

A nomenclatura surgiu a partir de uma fábrica de cigarros em Stuttgart, chamada Waldorf-Astória. Rudolf Steiner foi convidado pelo proprietário do estabelecimento para ministrar palestras aos funcionários. A pedido deles, que apreciaram o trabalho de Steiner, foi

fundada uma escola para os filhos deles. O surgimento da pedagogia acontece em meio a um movimento social intenso na Europa – período entre guerras – no qual intelectuais trabalhavam com operários. Em setembro de 1919, foi aberta a primeira escola Waldorf, chamada *Die Freie Waldorfschule* (A Escola Waldorf livre).

A Pedagogia Waldorf é baseada na ciência espiritual que Rudolf Steiner chama de Antroposofia (conhecimento da natureza humana), apresentada como um meio termo entre fé e ciência comum.

A Antroposofia é ciência! Mas uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência "comum". Ela procede cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos. E é mais que uma teoria, um edifício de afirmações. Com efeito, ela admite e reconhece todas as descobertas das ciências naturais, embora as complemente e interprete pelas suas descobertas. (LANZ, Rudolf. Noções Básicas de Antroposofia)

De acordo com ela, os três veículos de expressão do ser humano - corpo, emoções e mente - precisam ser potencializados com a mesma intensidade para o desenvolvimento humano, em busca do que seria um ser “espiritualmente livre”. O professor Valdemar W. Setzer, do Departamento de Ciência da Computação, do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (USP), consultor da Promon, do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) e da Itautec salienta essa necessidade do ser humano de ter três capacidades: a científica, a artística e a social. “O que se está fazendo na escola é desenvolver apenas a capacidade científica. Mas esta tem que ser desenvolvida aos poucos e principalmente durante o colegial. Antes, deve ser a capacidade de observação, de sentir as coisas,” afirma Setzer em entrevista ao jornal Vida Integral, em 1999.

2. JUSTIFICATIVA

A motivação principal é a descoberta. Produzir algo com o qual se tem contato de alguma forma, seja antes ou durante a faculdade, parecia uma atitude acomodada. A Pedagogia Waldorf mostra a união de dois interesses: o primeiro é explorar um tema até então desconhecido pela maioria das pessoas, e o segundo é que ele se refere à educação, assunto pelo qual sempre me interessei.

Não foi encontrado, no ramo da grande reportagem jornalística brasileira, algum tipo de publicação que se refira exclusivamente à pedagogia Waldorf, sua aplicação em sala de aula e suas implicações no futuro. Todas as publicações estão colocadas de forma teórica, tanto no âmbito da Pedagogia quanto da Antroposofia.

Não é novidade que o ensino brasileiro passa por sérias dificuldades diretamente ligadas ao esquecimento da educação como prioridade na agenda política. Porém, os problemas vão além dos bancos escolares e da política e estão profundamente ligados aos valores de sociedade e família. O corpo humano se desenvolve mediante tudo o que é recebido do ambiente externo, seja físico ou psicológico. A dinâmica contemporânea exige da sociedade o que é mais prático e rápido. Isso se reflete diretamente na superficialidade das relações, na prevalência do mecânico e, conseqüentemente, no falso aprendizado das crianças e na eliminação da infância propriamente dita.

A isso podemos relacionar o uso intenso de televisão e computador no cotidiano das crianças e adolescentes, algo criticado não só pela Pedagogia Waldorf, como para alguns estudiosos. O professor Valdemar Setzer afirma que pular etapas na educação pode gerar problemas psicológicos futuros. Em entrevista ao Jornal Vida Integral, em 1999, extraída do site oficial do professor, ele comenta:

O computador, na minha conjectura, e eu não tenho provas disso, a não ser observando programadores e analistas de sistemas, produz muitos desses problemas. Esse pensamento que temos que exercer para usar um computador é extremamente limitado, rígido e é matemático. Se há algo exibido na tela, qualquer pessoa que apertar uma certa tecla vai produzir exatamente o mesmo efeito no computador. É uma máquina rígida como não existe na natureza ou em outras máquinas. Se uma pessoa faz uma curva, com um automóvel ou bicicleta, ao repetir o ato não fará exatamente a mesma curva. Mas no computador, como é uma máquina matemática, tudo é exato, o que não é próprio para as crianças. (<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/entrev/vidainteg.html>)

E comprova com afirmações científicas como esses equipamentos desintegram a criatividade e a capacidade de pensar das crianças:

Esse efeito de a TV colocar o telespectador em estado de sonolência, semihipnótico, é muito fácil de ser compreendido. Em primeiro lugar, a rápida sucessão de imagens da tela impede que o telespectador imagine seja lá o que for – compare-se com a leitura, por exemplo, de um romance, onde tudo deve ser imaginado. Essa verdadeira impossibilidade de criar imagens próprias significa um abafamento do pensamento imaginativo. Por outro lado, a rápida sucessão de imagens impede que o telespectador reflita conscientemente sobre o que está vendo. (<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/efeitos-negativos-meios.html>)

Não são recentes as pesquisas que indicam o quanto é prejudicial ficar por muito tempo em frente à televisão e Valdemar W. Setzer cita inúmeros estudos realizados para comprovar os males que pode causar, dentre eles, déficit de atenção:

Landhuis, Poulton, Welch e Hancox (2007) fizeram o primeiro estudo longitudinal da influência de ver televisão na infância sobre problemas de atenção na adolescência. Foi usado um grupo de 1.037 participantes (502 do sexo feminino), nascidos entre abril de 1972 e março de 1973 em Dunedin, na Nova Zelândia. Foram usados valores do tempo de ver TV estimados pelos pais nas idades de 5, 7, 9 e 11 anos, e problemas de atenção relatados por professores na adolescência, nas idades de 13 e 15 anos. "Os objetos do estudo viram uma média de 2,05 horas (desvio padrão 0, 83) de televisão durante os dias da semana [*weekdays*, aparentemente de 2^a a 6^a feiras] entre as idades de 5 a 11 anos. Em idades de 13 a 15 anos, isso aumentou em mais de uma hora por dia, para 3,13 horas (desvio padrão 1,43). Houve uma correlação significativa entre ver televisão na infância e na adolescência. Também foram feitas correlações entre problemas de atenção na infância e problemas de atenção na adolescência. Resultados de modelos de regressão linear mostraram que ver televisão na infância prevê problemas de atenção na adolescência." Estes resultados dão suporte à hipótese de que ver televisão na infância pode contribuir para o desenvolvimento de problemas de atenção. (<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/efeitos-negativos-meios.html>)

Podemos citar também pesquisa feita no Brasil relacionada ao uso do computador por crianças e adolescentes, tanto nas escolas quanto em suas casas. O estudo de Maresma Sprietma, pesquisadora do *Centre for European Economic Research*, utilizou dados do SAEB (Sistema de Avaliação do Ensino Básico) de 1999, 2001 e 2003 referentes ao ensino fundamental e ao terceiro colegial.

Ela constatou que "[...] a proporção de alunos que contam com um laboratório de computação na escola afeta significativamente e negativamente os resultados dos testes de matemática e de português, com uma diminuição de 33,5% e de 12,7% de um desvio padrão." Ela diz ainda que "[...] a proporção de escolas que têm um laboratório com computadores é significativamente relacionada negativamente com o número de horas por semana de trabalhos escolares feitos em casa", isto é, quanto mais os alunos usam computadores nos laboratórios, menos tempo dedicam às tarefas escolares em casa. Sua conclusão a esse fato é de que "As escolas com muitos laboratórios [com computadores] teriam feito uma escolha errada de investimentos. Além disso, alunos de escolas com um laboratório com computadores poderiam despende muito tempo nesses locais fazendo chats ou brincando em lugar de fazerem atividades mais construtivas." Ela achou uma correlação positiva entre uso da Internet por professores e o rendimento dos alunos. Isso sugere-me que o projeto "Um laptop por criança", que felizmente não decolou

no Brasil, deveria ser "Um laptop por professor".
(<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/efeitos-negativos-meios.html>)

E justamente por esse e outros motivos é relevante que, de uma forma jornalística e não idealizada, a pedagogia Waldorf seja conhecida pela sociedade. Atualmente, poucos sabem o que ela realmente significa, alguns têm uma visão superficial e muitos nunca ouviram falar do sistema de ensino.

Apesar de a pedagogia ter sido foco de matérias jornalísticas, as reportagens ainda são muito superficiais sobre o assunto e tratam do método de uma forma teórica. Há também a preocupação em se concluir se ela é positiva ou negativa, o que é praticamente impossível de se afirmar, dada a relatividade que envolve um tema como esse.

3. OBJETIVO

Esse livro-reportagem tem a finalidade de apresentar àqueles que desconhecem como é o ensino de crianças e adolescentes nas Escolas Waldorf. Tratar o assunto de forma menos didática, tornando-o visível e palpável ao leitor.

Em contato com as pessoas que estão à volta desse método de ensino, tanto alunos quanto pais e professores, é possível descrever algumas características da pedagogia que perpassam as teorias e focam em pequenas atitudes das pessoas em questão.

Em vez de pensar nos pontos comuns que marcam uma experiência coletiva, convém deixar claro que a história oral se preocupa com as versões individuais sobre cada fenômeno e que ela apenas se justifica em razão da soma de argumentos que caracterizam a experiência em conjunto. Com isso afirma-se que cada depoimento para a história oral individual tem peso autônomo. (MEIHY, p. 19)

O presente estudo objetiva refletir sobre a visão que a maioria tem da educação do futuro de uma forma diretamente ligada à tecnologia, quando nem sempre foi assim. Investigar a partir de outro método, se o ensino convencional usado na maioria das escolas brasileiras supre as necessidades dos alunos e, principalmente, contribui para o desenvolvimento deles como seres humanos e não como máquinas de decorar fórmulas.

4.DESENVOLVIMENTO

4.1 O tema

A ideia inicial sempre foi tratar de algo novo, que fosse necessário descobrir aos poucos, e que também fosse uma novidade para um número grande de pessoas. A partir dessa busca, e após a leitura sobre o assunto, a Pedagogia Waldorf cumpria esse papel. Uma das dificuldades foi entender a Antroposofia, eixo condutor da Pedagogia Waldorf e que engloba termos e conceitos ligados à espiritualidade. O modo como a pedagogia é aplicada tem fundamentos na Antroposofia, no entanto, o principal objetivo do trabalho é mostrar como são as aulas, a convivência e as atividades do grupo.

Nas escolas visitadas, a primeira pergunta era: Você estudou em uma escola Waldorf? Quando respondia que não, uma expressão de surpresa se revelava no rosto das pessoas. Apesar de, ao longo do trabalho, ser formada uma opinião sobre o método que, de uma forma implícita, aparecerá no livro, o fato de não ser uma aluna Waldorf registra certa imparcialidade no trabalho. Não há vínculo emocional algum com a escola ou com as pessoas envolvidas com ela, pelo menos em um primeiro momento.

O público alvo é amplo e abrange jovens que se interessem por educação.

4.2 A Pedagogia Waldorf

A Pedagogia Waldorf surgiu em 1919, em Stuttgart, na Alemanha, em uma época de movimentos sociais intensos na Europa – que caracterizaram o período entre guerras –, em que intelectuais trabalhavam com operários. Foi o ano em que, com o fim da Primeira Guerra Mundial e com o Tratado de Versalhes, muito foi conquistado na questão de direitos trabalhistas, como participação de trabalhadores nas empresas, liberdade de organização em prol de melhorias no trabalho, direito a seguro social, entre outros.

Nesse cenário social, Rudolf Steiner idealizou uma escola que seguisse os ideais da Revolução Francesa de igualdade, liberdade e fraternidade. Ideais esses que deveriam ser pensados da forma diferente que vemos atualmente. A igualdade, hoje, é vista no âmbito cultural, a liberdade no campo econômico, e a fraternidade no que abrange as leis. O que era, porém, considerado o lugar ideal para as crianças crescerem inverte essa ordem. A cultura deveria estar no âmbito da liberdade. A economia no campo da fraternidade, para que

pudéssemos compartilhar com aqueles que não têm as mesmas condições, trocar experiências e capacidades (por exemplo, um marceneiro faz uma mesa para a costureira. Em troca, ela costura sua roupa). E, por último, a igualdade deveria ser aplicada no âmbito das leis e relações, para que, independentemente de poder econômico, todos tenham os mesmos direitos e deveres perante a sociedade.

O austríaco Rudolf Steiner (1861-1925) foi uma daquelas crianças prodígio e autodidatas. Ainda muito novo, aos nove anos, começou os estudos da matemática, ciências naturais e filosofia. Quando adolescente, estudou os textos de Kant, com a obra filosófica “A Crítica da Razão Pura”. Posteriormente, os estudos contemplaram outros filósofos como Fichte, Hegel e Schelling. O objetivo de Steiner era fazer uma contraposição ao mundo materialista e às ideias científicas da metade do século 19. Antes do início do século 20, iniciou-se como autor e editor do prólogo da primeira edição das “Obras Científicas Completas”, de Goethe. Nessa época também escreveu sua principal obra: “A Filosofia da Liberdade”. Posteriormente, dedicou-se à atividade de escritor para divulgar sua pesquisa científico-espiritual, fundando a Antroposofia. Em 1919, a pedido de Emil Molt, dono da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria, na Alemanha, Steiner criou uma escola para os filhos dos operários, seguindo essa nova filosofia de educação.

Rudolf Steiner fundamenta a pedagogia Waldorf com base na divisão da jornada humana em setênios (períodos de sete anos). No intervalo de 0 a 7 anos, a educação da criança se baseia na necessidade de impressões sensoriais, ela não analisa nem julga, predomina o desenvolvimento motor e o aprendizado é por imitação (fator importante, pois é quando se inicia o processo moral e ético da criança). A alfabetização não deve começar antes dos 7 anos de idade.

O corpo etérico ainda está individualizado da mesma forma. Ele ainda tem ligação com as forças etéricas universais, e durante sete anos permanece envolvido num processo de amadurecimento, durante o qual plasma intensamente o corpo físico. Ao término destes sete anos, o corpo etérico é libertado de duas amarras, “nasce” e torna-se autônomo, podendo a partir desse momento dedicar-se a novas tarefas. Esse término do seu trabalho plasmador sobre o corpo físico manifesta-se exteriormente pela expulsão dos dentes de leite e pela formação de dentição definitiva. (LANZ, 1979, p. 35)

A criança de 7 a 14 anos, no chamado segundo setênio, passa a vivenciar sentimentos (não mais os sentidos), precisa da explicação de conceitos, interage aos estímulos, desenvolve uma harmonia anímica que começa a ser perturbada a partir dos 12 anos, com a puberdade.

A personalidade da criança desabrocha como centro de sentimentos e emoções; o pensar e o sentir se dirigem, sempre permeados de sentimentos, para o mundo; a

memória se desenvolve e permite a assimilação de uma quantidade fabulosa de conhecimentos. É a idade escolar, entre sete e catorze anos, durante a qual se forma a individualidade sentimental do jovem, até o momento em que, ao redor dos quatorze anos, o corpo astral, plenamente desenvolvido, se torna, por sua vez, autônomo. (LANZ, 1979, p. 36)

No último setênio, relacionado à vida escolar, de 14 a 21 anos, é a chamada fase de maturidade social. O adolescente necessita ser compreendido, busca explicações, começa a perceber o mundo fora dele e desenvolve as capacidades lógicas, analíticas e sintéticas.

O indivíduo, mais interiorizado e retraído, vive numa crise entre as forças do Eu, que se manifesta cada vez mais, e as forças anímicas já existentes. Ele entra em choque com o mundo exterior; nada escapa ao seu espírito crítico e ao seu raciocínio. É o Eu que se desenvolve nessa luta penosa e turbulenta até alcançar uma certa maturidade intelectual e moral ao redor dos vinte e um anos. (LANZ, 1979, p.36)

Cada escola é administrada de forma independente e não há uma estrutura centralizadora, mas sim associações que promovem o movimento e cuidam para que o nome Waldorf seja usado de forma correta e responsável. Na Alemanha, as instituições estão à parte do sistema escolar público, mas são reconhecidas pelo Estado. O financiamento advém de verbas estatais e as mensalidades escolares são calculadas de acordo com a renda dos pais dos alunos.

No Brasil, existe a Federação das Escolas Waldorf, que endossa o uso do nome e a aplicação do método. Para uma escola Waldorf ser criada, deve haver, pelo menos, uma pessoa que fez o curso de capacitação profissional da Pedagogia. Quando surgiu a primeira Escola Waldorf no Brasil, primeiramente ela foi reconhecida como experimental. Posteriormente, em 1979, o Ensino Fundamental foi autorizado a funcionar com a duração de nove anos e, na sequência, tornou-se possível a existência do Ensino Médio. As Escolas Waldorf são reconhecidas como entidades públicas federais e estaduais, mas não recebem auxílio governamental. Elas se mantêm com doações e com as mensalidades dos alunos.

Após a promulgação da Constituição Brasileira, em 1988, grupos de educadores e entidades ligadas à educação, começaram a organizar um projeto de lei que viesse substituir a LDB vigente na época. Este projeto que vinha sendo formulado sobre uma nova concepção de democracia participativa, já tendo sido aprovado na Câmara dos Deputados, foi substituído, no Senado pelo projeto Darcy Ribeiro, em março de 1996. Tudo indica que o projeto, após algumas modificações convertido na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, teve assessoria de pessoas que ocuparam ou ocupam cargos no Ministério da Educação. Esta nova LDB, chamada por alguns autores de "minimalista", por conter poucas Regulamentações, dá ampla liberdade às escolas apresentarem suas propostas pedagógicas, além de ter incorporado alguns conceitos inovadores para a maioria das escolas como a questão da progressão continuada do aluno, o respeito pela relação idade/série, aspectos importantes à Pedagogia Waldorf. (MIZOGUSHI, 2002).

Cada escola Waldorf tem uma história diferente e estrutura diversificada, portanto, seria leviano tipificá-la de uma ou de outra forma. Apesar de as escolas não terem vínculo com o poder público, também não são de apenas um dono e são dirigidas por conselhos e comissões. A organização segue a Trimembração Social proposta por Rudolf Steiner, seguindo os princípios da Revolução Francesa explicitados anteriormente e que, aplicados à Pedagogia, são: esfera sociocomunitária, jurídico-administrativa e pedagógica. Na Viver Escola Waldorf de Bauru, por exemplo, esse tripé é dividido em: Conferência Interna, que cuida da parte pedagógica e é formada por professores; Diretoria Financeira, responsável por reunir professores e alguns pais e o Conselho de Pais, elo entre todos os pais, a Diretoria e a Conferência Interna.

Outro ponto das escolas Waldorf é que não há um valor fixo para a mensalidade e ele varia de acordo com a escola. Segundo o site institucional da FEWB (Federação das Escolas Waldorf no Brasil), os custos se comparam aos de escolas particulares da mesma região geográfica que não são subsidiadas por fundações ou igrejas. Cada escola desenvolve suas políticas de assistência financeira e determina o valor da bolsa de estudos que puder oferecer.

4.2.1 Aplicação da Pedagogia

O fio condutor da Pedagogia Waldorf é aparentemente algo que se distancia da visão mecanicista do mundo. É uma concepção de desenvolvimento do ser humano orientada a partir de pontos de vista antropológicos, pedagógicos, curriculares e administrativos, fundamentados na Antroposofia.

Aparentemente, não está relacionado à rejeição de bens materiais, mas sim à ideia de que tudo tem seu tempo. A pedagogia é norteada pelo pensamento de que o desenvolvimento da criança não deve ser atropelado. A expressão “quanto mais cedo melhor” não se aplica ao aprendizado da criança.

Um grande poeta (Jean Paul Richter) disse uma vez que o homem aprende em seus primeiros três anos de vida mais do que em todos os seus estudos acadêmicos. De fato, se focalizamos apenas o andar ereto, a fala e o pensar, conquistas que a criança realiza antes do término do seu terceiro ano de vida, temos que reconhecer que esse aprendizado é o fundamento de toda a existência humana. (LANZ, 19791, p. 41)

A pessoa-chave para o ensino Waldorf, sem dúvida, é o docente. Para se tornar um professor Waldorf, um dos caminhos é fazer o Curso de Formação em Pedagogia Waldorf. O Seminário de Formação de Professores Waldorf, na escola Rudolf Steiner, criado em 1974,

foi oficializado, em 1998, como curso de formação de professores, reconhecido pelo sistema educacional brasileiro. O curso possibilita ao formado lecionar em classes do 1º ao 4º ano do ensino fundamental em qualquer escola do Sistema Nacional de Ensino. Nas escolas Waldorf, o professor pode conduzir até o 12º ano. “Sabendo que tem oito anos para formar os alunos, o professor de classe pode planejar e dispor; de fato, ele abrange o passado, o presente e o futuro. Sua meta não é uma matéria, nem todas as matérias, mas a classe” (LANZ, 1979, p. 75).

Outra possibilidade também é ser formado em Pedagogia, ou na disciplina em que for lecionar, e fazer um dos cursos de fundamentação ou qualificação em Pedagogia Waldorf oferecidos em algumas cidades do país, como Botucatu, Porto Alegre, Curitiba, Brasília, etc.

Os cursos têm fundamentação teórica na visão antroposófica de Rudolf Steiner e, além das disciplinas tradicionais aos cursos de formação de professores, são abordados outros temas como astronomia, mineralogia, pintura com aquarela, giz de cera e giz de lousa, desenho, modelagem, entalhe em madeira, trabalhos manuais e Eurytmia. As partes teórica e prática da música também são desenvolvidas por meio da flauta doce e do kântele (instrumento semelhante à lira, característico da Pedagogia Waldorf).

Os pais de alunos Waldorf também têm um importante papel na educação dos filhos e mantêm uma relação próxima com a escola. São feitas inúmeras reuniões e os pais também ajudam na organização e preparação das festas. Em uma das escolas, os pais são responsáveis por confeccionar a mochila que o filho usará no ano seguinte. Essa relação entre instituição e família nem sempre é compreendida por alguns pais, pois estes acham que a responsabilidade deles acaba no momento em que deixam o filho na escola e que o fato de pagar uma mensalidade os exime de participação ativa nas atividades escolares.

Nas escolas Waldorf há avaliações constantes feitas pelo professor que acompanha o aluno por oito anos no ensino fundamental, lecionando as principais disciplinas. Os boletins são relatos do comportamento e desempenho dos alunos de forma descritiva.

O currículo é ampliado e não atinge apenas o que é exigido pelo Ministério da Educação, pois foca também em atividades voltadas para a música, arte, natureza e Eurytmia. A Eurytmia é a arte do movimento do corpo que segue a melodia de uma música ou poesia. Nela, as letras têm movimentos corporais de acordo com o som que emitem e também possuem alguma semelhança com a grafia.

No jardim de infância, os desenhos refletem o caos em que a criança vive dentro de si ainda em um mundo de descobertas, e por isso são rabiscos sem sentido. Mais ou menos a partir dos 4 anos, ela começa a fazer desenhos mais retos, com delimitações, o que significa

que já existe uma noção de espaço. E a partir do momento que a criança coloca, em um desenho, o chão na parte inferior, a casa junto ao chão, a árvore ao lado, o sol e as nuvens na parte superior, significa que ela está pronta para ser alfabetizada, pois já tem noção de lateralidade.

Todos os brinquedos organizados em uma sala de jardim, por exemplo, são feitos de elementos naturais. Não há nada de plástico ou eletrônico. Bonecas e bolas de pano, carrinhos de madeira. Para eles, todo material natural tem em seu interior uma sabedoria, ou seja, por trás disso há a percepção de que todos os objetos carregam consigo uma carga de sentimentos relacionada à forma como são produzidos. Exageros à parte, uma boneca que foi cuidadosamente feita à mão por alguém desde o momento da costura até a pintura, carrega uma carga diferente de uma boneca plastificada, produzida em série por funcionários com condições de trabalho sub-humanas em algum canto da China.

No jardim de infância, temos a sensação de que não há aprendizado somente nas brincadeiras, mas todos os movimentos têm sentido e são internalizados para que a criança os externalize quando maiores. “O erro consiste em já ensinar a criança a pensar conceitualmente” (LANZ, 1979, p. 58). Como ainda é a fase de transição da casa para a escola, é importante que o ambiente da sala lembre o lar da criança. Todas as salas de jardim têm uma pequena cozinha e uma área onde a criança possa tirar um cochilo.

Uma das características do método são o ritmo e a repetição. Cada qual relacionado a sua série, o aluno aprende desde cedo a ter certa rotina, que contribui na disciplina. Há o dia da aquarela, o dia de fazer pão, o dia da costura, etc. Cada dia da semana, por exemplo, é a vez de um grupo de alunos declamar um poema. Poema este que é feito pela professora da turma, escrito de acordo com a personalidade de cada um, no que o aluno precisa melhorar, ou não, no comportamento. Esse mesmo grupo do dia é responsável por distribuir os pratos e talheres para o lanche. Quanto à repetição, no jardim, por exemplo, o mesmo conto de fadas é contado durante um mês. Isso, de acordo com as professoras, desenvolve segurança e capacidade de perceber detalhes. No ensino fundamental, em cada dia é contado mais um pedaço da história, o que faz o aluno sempre prestar atenção e estimula a memória, já que antes de começar o texto a professora pede para que eles contem o que foi dito no dia anterior. Aliás, em todas as séries em que estive presente, houve essa retomada do conteúdo do dia ou da aula anterior.

O conteúdo na Pedagogia Waldorf consiste na economia do ensino. Isso significa que é ensinado o essencial da disciplina, excluindo detalhes não aplicáveis que só conseguem ser apreendidos se forem decorados. Dessa forma, não há apostilas. Evita-se simplesmente passar

conceitos e os professores procuram fazer com que os alunos vivenciem e entendam o significado da história, da ciência e de todas as matérias, de uma forma viva. Em todas as disciplinas há fatos, leis e relações essenciais e é a partir delas que o aluno desenvolve o raciocínio adjacente. No ensino Waldorf, o aluno não deve decorar uma fórmula, e sim deduzi-la. Na matemática, por exemplo, as operações são feitas de maneira inversa. Ao invés de ensinarem que $3 + 4 = 7$, exercitam o raciocínio da criança com inúmeras possibilidades ($7 = 1+6$, $7 = 2+5$, $7 = 3+4$, $7 = 10-3$, $7 = 8-1\dots$). Além desse exercício, é internalizado na criança de que não há apenas uma resposta certa, uma verdade absoluta.

É importante destacar também que o ensino é realizado em épocas, ou seja, há um ciclo de cerca de um mês para cada disciplina tradicional. Assim, as duas primeiras aulas são para disciplinas como física, química, biologia, história, para depois dar lugar às matérias artísticas, ministradas continuamente durante o ano, bem como o ensino de idiomas. Essa concentração de uma matéria por determinado tempo é uma forma de aproveitar melhor o conteúdo e também não dispersar a atenção. É uma forma de o aluno focar em um assunto e, conseqüentemente, interessar-se mais.

Alguém poderá objetar que se a geografia é dada somente uma ou duas vezes por ano, os alunos forçosamente esquecerão o que aprenderam, durante o tempo em que a matéria estiver ausente do horário. Isso é correto até certo ponto. Apesar do aprendizado concentrado, os alunos esquecem uma parte; mas esse esquecimento é algo positivo. Enquanto a matéria cai, dessa forma, na inconsciência, ao mesmo tempo, amadurece; e quando volta como assunto de época, basta em geral uma curtíssima recordação para que o conteúdo anterior volte à memória. (LANZ, 1979, p. 93)

Tratando um pouco de cada matéria, especificamente História, por exemplo, nos primeiros anos escolares, os alunos entram em contato com contos de fadas, lendas e mitos, que estão relacionados aos costumes dos povos antigos. A partir do 5º ano, esses conhecimentos são colocados em prática com o estudo das velhas civilizações da Antiguidade. Até o final do Ensino Fundamental, os alunos fazem todo o percurso da história do homem, posteriormente retomado no Ensino Médio.

Na Geografia, o objetivo, nos anos iniciais, é ensinar o aluno a se localizar nos locais próximos a ele. A partir do 3º ano, é o momento de colocar no papel essa noção de localização e eles começam a fazer pequenos mapas que vão se ampliando para outras regiões, Estados, países e continentes. Na maioria das escolas, há o ensino dos idiomas inglês e alemão. Até o 3º ano, o ensino relaciona-se apenas à imitação. O professor passa canções e versos, e apenas a partir do ano seguinte começam leituras, ditados, regras gramaticais.

As matérias mais específicas como Zoologia, Mineralogia, Química, Física e Astronomia começam a partir dos 9 anos de idade. A explicação é que, antes dessa idade, o mundo da criança ainda tem uma forma indivisível. Os conceitos são mostrados através de experiências práticas, tanto na sala de aula quanto durante as excursões.

Ponto fundamentalmente diferenciador das escolas convencionais é a parte de trabalhos manuais. De acordo com os fundamentos da pedagogia, a criança precisa de vivências naturais e, o jovem, de contato com atividades primárias, ao contrário do que muitos pensam:

Os alunos devem ter a vivência de atividades primárias (panificação, construção de casas, forja, jardinagem, etc.). Daí a importância que essas “matérias” ocupam no currículo Waldorf. Elas alargam o horizonte e enriquecem a formação do aluno, apesar de muitos as considerarem atividades obsoletas, pois “hoje, graças a Deus, tudo é mecanizado”. (LANZ, 1979, p.88)

Essas atividades proporcionam, além de conhecimentos gerais, sensibilidade aos objetos e às atividades. Estas exigem senso estético e esforço, que são habilidades e características necessárias para que o aluno se destaque, futuramente, tanto na vida pessoal quanto profissional. “Um aluno que fez um grande tapete, ou esculpiu uma cabeça de pedra duríssima, não se assustará, mais tarde, diante de um problema que pareça exceder suas forças” (LANZ, 1979, p.88).

Uma questão polêmica são os vestibulares. As classes de Ensino Médio, em sua maioria, são reduzidas porque, por vontade dos pais ou até mesmo dos alunos, há uma necessidade de mudar de colégio depois da formatura do nono ano. Alguns veem a necessidade de se prepararem para os exames em escolas direcionadas ao vestibular. Valdemar W. Setzer é um entusiasta da Pedagogia Waldorf e tem boas considerações a respeito desse assunto:

A primeira consideração que se deve fazer é que esses exames são uma realidade, mas são absurdos. Depois de ter experiência de ensino universitário na USP desde 1964 considero que o resultado do vestibular não tem quase nada a ver com o desempenho do aluno na faculdade. Em outras palavras, passar em um vestibular não é garantia de que o jovem será um bom aluno na universidade. Pior, não é em absoluto garantia de que ele será posteriormente um bom profissional. A única coisa que um vestibular garante é que o jovem que o passou sabia responder às perguntas específicas daquele exame melhor do que outros jovens. (<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/tirar-de-waldorf.html>)

Ele afirma que o conhecimento necessário para passar em um vestibular é momentâneo e não está relacionado à vida acadêmica e profissional. Para Valdemar, o jovem precisa de formação geral, e não específica, o que significa desenvolvimento em conhecimento e maturidade em três áreas: intelectual, artística e social:

Para os exames vestibulares, apenas o desenvolvimento intelectual é essencial; por que as outras duas áreas, a artística/artesanal e a social são essenciais? Acontece que o ser humano não é só intelecto. A atividade artística está relacionada com dois aspectos fundamentais: a sensibilidade artística, isto é, para com o belo, e a capacidade criativa. Criatividade é baseada em fantasia, isto é, ter novas ideias, e na capacidade de concretizá-las no mundo real. (<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/tirar-de-waldorf.html>)

4.3 O Livro-reportagem

Para tratar da Pedagogia Waldorf, foi escolhida a modalidade livro-reportagem, que tem como eixo condutor obter a informação a partir de testemunhos de acontecimentos e a interação com os envolvidos, misturando-se a eles e até confundindo-se, para captar a essência do objeto analisado.

O entrevistador, por um lado, deixa de ser aquele que olha para o entrevistado percebendo-o como mero objeto de pesquisa ou informante. Por outro, ele próprio deve deixar de ser um observador da experiência alheia e se comprometer com o trabalho de maneira mais sensível e compartilhada. (MEIHY, p. 50)

Transcende às perguntas básicas do jornalismo aparente que se restringem ao: quem, o quê, onde, como, quando e por quê.

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela internet quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos cotidianos da informação jornalística (LIMA, 2009, p. 4).

A principal referência teórica de livro-reportagem é o “Páginas Ampliadas”, de Edvaldo Pereira Lima. Ele propõe uma classificação com 11 grupos. Dentre eles, o “Modernice em xeque” se encaixa no grupo de livro-reportagem-retrato, pois não focaliza uma figura humana, mas um setor da sociedade, no caso, um segmento da atividade educativa. Ainda de acordo com a definição de Edvaldo Pereira Lima, visa elucidar os

mecanismos de funcionamento, problemas e complexidade de determinado grupo. “É marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar um serviço educativo, explicativo. Por isso, trabalha a metalinguagem, na troca em miúdos de um campo específico do saber para o grande público não especializado”.

4.3.1 Histórico

A necessidade de um jornalismo interpretativo surgiu na época da Primeira Guerra Mundial, quando se nota que a imprensa se atinha aos fatos e ocorrências e não era capaz de interligá-los ao passado ou ao futuro, contextualizando-os. Surge então a revista *Time*, buscando a conexão entre os acontecimentos. A partir dela, em vários países começa a aparecer esse tipo de jornalismo, como explica Cremilda Medina em seu livro “Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial.”

Paralelamente, toda manifestação de vida se tornou mais envolvida. Esta posição referente à sociedade norte-americana nas primeiras décadas do século só vai se cristalizar no Brasil na década de 50. Os jornais brasileiros começam a empregar os mesmos ingredientes que os internacionais. (MEDINA, 1988, p. 66)

Apesar dessa afirmação, pode-se considerar que, já antes do início do século 20, um modelo de jornalismo surgia no Brasil, intermediando a literatura e o jornalismo: o Jornalismo Literário. Em 1897, Euclides da Cunha, correspondente do jornal Estado de S. Paulo, começava a renovar as técnicas de reportagem com a coletânea *Os Sertões*. Cobrir o conflito de Canudos de forma inovadora, dentre todos os outros correspondentes da época, foi o início de uma nova narrativa na qual o contato com a realidade enriquece mais o conteúdo do que conhecimentos prévios.

Não importa muito, do ponto de vista da observação de um processo no tempo histórico, que *Os Sertões* não sejam um livro-reportagem no sentido estrito do termo. Importa que tenha exibido algumas importantes possibilidades do tratamento jornalístico. Importa que, por analogia de raciocínio, tenha estado para o futuro desenvolvimento do livro-reportagem no Brasil assim como, digamos, *Por quem os sinos dobram* tenha estado como estímulo para o jornalismo literário americano dos anos 40 ou 50. (LIMA, 2009, p.163)

Depois de *Os Sertões*, surgiu no Rio de Janeiro um formato urbano inovador, através das palavras do jornalista João Paulo Alberto Coelho Barreto, conhecido pelo pseudônimo

João do Rio. Ele foi pioneiro em explorar uma nova forma de coletar informações. Além de entrevistar as fontes, também se dedicava à observação minuciosa da realidade.

A ampliação das informações imediatas (notícias) já se encontra nos três rumos hoje consagrados: o rumo da humanização ("Um mendigo original"), que individualiza um fato social por meio de um perfil representativo; o rumo da ampliação do fato imediato no seu contexto (a maior parte de suas reportagens sobre problemas sociais da época; embora a necessidade de opinar de vez em quando ou até freqüentemente, as matérias permanecem como reportagens mais do que como artigos opinativos, com juízo de valor); e o rumo da reconstituição histórica. Nesta última categoria de jornalismo interpretativo, o autor só toca de leve – são passagens curtas das reportagens, onde a erudição de bolso oferece alguns subsídios para completar a informação presente no seu lastro histórico. O fato significativo como método de trabalho é que João do Rio não se satisfaz com a notícia imediata, o telegrama esqueleticamente informativo. Lança-se na reportagem que pretende mais, vale-se da enquete para ampliar as possibilidades informativas." (MEDINA, 1988, p.62).

Após João do Rio, a história da reportagem no Brasil passou por um período de pouca evolução e voltaria a renovar-se apenas depois da Segunda Guerra Mundial. Há duas hipóteses compartilhadas tanto por Edvaldo Pereira Lima quanto por Cremilda Medina para o esfriamento desse gênero jornalístico. Uma delas seria o sucesso da literatura ficcional, com as denominadas obras do romance de 30, de escritores como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Jorge Amado. O segundo motivo do adormecimento refere-se à repressão do Estado Novo.

O Estado Novo, que se implantava no país na segunda metade dos anos trinta, trazia consigo a total decadência do jornalismo de militância política (mensagem opinativa). A censura, exercida e controlada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, criado em 1937, cerceava a voz da imprensa impedindo-a de manifestar-se livremente. Por outro lado, o governo usava o próprio jornalismo como instrumento de controle, financiando novos veículos e corrompendo jornalistas. (MEDINA, 1988, p.64).

Posteriormente à queda do Estado Novo, publicações como as revistas *O Cruzeiro* (1950) e, mais tarde (e principalmente), *Realidade* (1965) inovaram na forma de fazer jornalismo, dando abertura para as grandes reportagens. Apesar disso, ainda não havia espaço suficiente para satisfazer o objetivo dos livros-reportagem. A imprensa periódica dificilmente consegue abarcar a profundidade necessária de um livro-reportagem, a começar pela falta de espaço.

Sob outro aspecto, mesmo uma publicação periódica de sucesso como foi *Realidade*, e com as condições que operava, infinitamente menos industrialmente

condicionadas do que os diários, não consegue superar certas condições e por isso não ocupa o espaço jornalístico específico em que o livro-reportagem pode atuar. (LIMA, 2009, p. 236).

Na imprensa internacional, na década de 60, surge o chamado *new journalism*, considerado por Edvaldo Pereira Lima como influência para a revista brasileira *Realidade*. Teve início com os jornalistas norte-americanos que, insatisfeitos com a objetividade do *lead*, adentraram na realidade social para contar o que estava acontecendo no país. Reconstrução de cenas, registro de diálogos completos e apresentação de uma mesma ação por diversos ângulos são algumas das características do *new journalism*, que influenciou diretamente a forma de se fazer livro-reportagem, ficção jornalística e romance de não-ficção. Primeiramente com matérias frias nos jornais diários, passando para as edições dominicais, até atingir revistas como a *The New Yorker* e *Esquire*. Posteriormente, o talento foi desdobrado sobre o veículo mais adequado para a renovação proposta: o livro-reportagem.

Em 1966, o jornalista e escritor Truman Capote publica a primeira grande obra do *new journalism*: “A sangue frio”. O livro é resultado de uma investigação de vários meses do autor sobre a chacina de uma família. Da mesma geração de Capote, podem-se destacar ainda jornalistas como Tom Wolfe, Gay Talese, entre outros autores.

No Brasil, o livro-reportagem começou a ser impulsionado, principalmente, a partir da década de 70 com “A Ilha”, de Fernando Morais. Após o fim da ditadura, no início dos anos 80, grandes jornalistas também produziram bons relatos da época, como em 1968 – O Ano que Não Terminou, de Zuenir Ventura. A partir de então, outros jornalistas, como Gilberto Dimenstein, Caco Barcellos, Ricardo Kotscho e Ruy Castro se dedicaram à produção de livros-reportagem de grande repercussão e qualidade.

4.3.2 Jornalismo e Literatura

Muito se discute também a respeito da aproximação de gêneros literários como contos e romances, ao livro-reportagem. Edvaldo Pereira Lima, por exemplo, defende a ideia de que a produção de um livro-reportagem demanda complexidade temática e estilística, que se assemelham às características do romance.

Ambos visam ao conhecimento da realidade humana, são antropocêntricos. Ambos devem construir uma fórmula estética que torne ao leitor agradável a leitura. Ambos podem romper estruturas estabelecidas ou conformar-se com elas para cumprir, com o máximo de eficiência, a transmissão de uma mensagem dotada de fluidez. (LIMA,2009 p. 269)

É comum que escritores optem por se dizer longe de técnicas jornalísticas, como também há jornalistas que negam a influência da literatura no jornalismo. Boris Schnaiderman fala sobre a impermeabilidade com que alguns profissionais se prendem em seus discursos:

Acho errado ver uma barreira intransponível entre o jornalismo e a literatura. Há jornalistas que fazem questão de dizer: “Nós somos jornalistas, nós fazemos jornalismo, isto é jornalismo. Não tem nada a ver com literatura.” Ora, literatura e jornalismo estão tão próximos, tão ligados. O jornalismo apropria-se das técnicas da literatura e vice-versa. O jornalismo tem dado mais vivacidade à literatura moderna. Qualquer reportagem bem feita tem elementos literários (SCHNAIDERMAN apud LIMA, 2009, p.179).

Agora tratemos das diferenças tangidas entre um livro e um livro-reportagem, que estão relacionadas a três aspectos principais: conteúdo impreterivelmente ligado ao real, seja ele um fato isolado ou uma situação permanente; preocupação com linguagem, edição e diagramação, que inclui fotografias, tabelas e gráficos e, por último, a função jornalística de informar e explicar.

A partir do livro de José Carlos Sebe Bom Meihy, “O Manual de História Oral”, podem-se considerar três tipos de livro-reportagem, que estão diretamente ligados à questão temporal:

Há basicamente, três tempos de narrativas de história oral. De modo geral, quando as narrativas fogem da linha do tempo, da sequência cronológica, o que se observa é a existência de um remoto distante, longínquo, que poderíamos chamar “antigamente” ou “tempo antigo”. Um segundo tempo seria dos acontecimentos centrais e determinantes, que podemos chamar “tempo das mudanças essenciais”. O terceiro momento seria o do instante do depoimento, chamado “tempo da narração” (MEIHY, p.36).

De certa forma, a classificação parece engessar as narrativas, ainda mais em um gênero livre como o do livro-reportagem. Nada impede que um livro seja uma fusão dos três tipos de narrativa considerados acima. Um exemplo é a obra de Caco Barcellos, “O Abusado”, um livro denso que trata da ocupação histórica de um morro do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que biografava a vida do traficante Juliano VP e o relaciona a um dos problemas sociais do país: a naturalidade em se ganhar a vida de forma ilegal. A maior parte do livro é vivida em tempo real pelo jornalista.

Nossa busca implica entender a forma de organização mental dos colaboradores. Em particular, os projetos que trabalham com temas ou vida de religiosos, esotéricos ou místicos têm de, por princípio, respeitar a exposição do outro observando os valores e a visão de mundo das pessoas. Evidentemente isso tem implicações éticas que merecem cuidados em relação ao uso dessas experiências (MEIHY, p.64).

5. ESTRUTURA DO LIVRO

5.1 O percurso

Sem dúvida, o maior desafio foi o contato com as escolas Waldorf, principalmente porque era um período próximo às férias escolares de julho. Outra dificuldade foi enfrentar certas burocracias pelo caminho. Algumas escolas não permitiam que eu assistisse às aulas (parte central do trabalho), outras demoraram muito tempo para responder às solicitações, ou até mesmo não o fizeram.

Fiz contato com diversas escolas do Estado de S. Paulo por e-mail, mas em razão do estágio em jornalismo, não pude me ausentar por muito tempo e restringi meu trabalho nas escolas de Bauru, Botucatu e São Paulo. O estágio também foi o motivo pelo qual não pude dispor de tempo maior nas viagens que consegui fazer.

O trabalho teve início no dia 19 de junho, quando compareci à Festa Junina da escola Jardim São Micael, localizada em Bauru, onde não há Ensino Fundamental e Médio, apenas Educação Infantil, em que ainda se divide como maternal e jardim de infância. É uma escola Waldorf cadastrada na Federação das Escolas Waldorf no Brasil. Apenas a dona do local, porém, é formada pela Pedagogia (exige-se que, no mínimo, uma pessoa seja professora Waldorf para a criação de uma escola). A festa aconteceu durante toda a tarde de sábado, na própria escola. Além das brincadeiras e comidas típicas de festas juninas, no final da festa os pais fizeram uma apresentação de teatro para os outros pais, filhos e funcionários da escola. Primeiramente, todas as luzes da escola foram apagadas, ligaram-se as lamparinas de cada aluno (feitas pelos próprios pais) e seguimos cantando para uma espécie de pátio de terra (o chamado Passeio da Lanterna), onde foi a apresentação do teatro. No local também havia uma fogueira.

A peça se chamava “Menina da Lanterna” e mostrou que todos passam por momentos difíceis na vida quando as pessoas ficam sem rumo. Essa situação é simbolizada quando a menina tem a luz de sua lanterna apagada e precisa iniciar um caminho para reencontrá-la. Ela encontra os animais, que representam os instintos básicos e precisam ser dominados. Todos negam ajuda e ela adormece para um sonho no qual recebe ajuda das estrelas, que indicam o caminho. Ao continuar sua caminhada, a menina se depara com três pessoas, que representam as três formas do homem: o pensar, o querer e o sentir. Elas são caracterizadas pela fiandeira, que tece o fio do pensamento; o sapateiro que, com sua vontade e trabalho, faz sapatos que o

mantém com os pés no chão e a criança com a bola, que experimenta o mundo com seus sentimentos. Os três lhe negam ajuda e a menina adormece novamente. Em razão do seu esforço, ao despertar, ela encontra a luz do Sol, que a ilumina na volta da caminhada.

Em outra ocasião, visitei o Jardim São Micael durante a semana e conheci as dependências do local, que já se mostram diferentes dos demais estabelecimentos de ensino por causa da maioria dos objetos, brinquedos e móveis serem feitos de madeira.

Também frequentei a Viver Escola Waldorf de Bauru, que foi fundada em 1987, em uma chácara localizada na Vila Giunta. Quarenta e dois professores compõem o quadro de docentes da escola que tem cerca de 300 alunos, entre Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. O número de alunos nas salas varia de acordo com o conjunto da sala e também dos professores, mas os números permeiam entre 16 crianças no maternal e jardim e 25 alunos no Ensino Fundamental e Médio. “Se na sala há alguns alunos mais difíceis de lidar, o recomendado é que o local não seja muito grande para que o professor possa dar mais atenção”, afirma uma das professoras da Viver.

Estive presente nas aulas durante a segunda semana de agosto, das 7h30 às 12h45. Assisti às disciplinas de Matemática, Química, Biologia, Inglês, Português e também as artísticas, como Eritmia e Marcenaria. Conversei com professores, funcionários e alunos. Também compareci à peça de teatro do último ano escolar, no Teatro Municipal de Bauru. A peça chamava “Um trem chamado desejo”, de Luis Alberto de Abreu, e tratava da história de uma companhia teatral da década de 30 que estava fracassada, mas mesmo assim continuava por amor à arte. Ressalta a dificuldade do teatro com o surgimento da televisão e a trama gira em torno de um triângulo amoroso entre os componentes da companhia. A produção estava organizada, alguns alunos fizeram mais de um personagem e, além do texto, houve vários momentos em que os alunos cantaram seguidos pela professora, sentada ao piano.

A outra escola visitada, localizada no bairro Demétria, há 15 quilômetros de Botucatu, é uma das mais tradicionais e fica situada próxima à primeira fazenda de agricultura biodinâmica do país. Em 1984, a Escola do Campo, como era chamada, começou suas atividades primeiramente para atender os filhos dos fazendeiros e, posteriormente, começou a receber alunos da cidade de Botucatu e também de outros locais do país. Primeiramente com jardim de infância e pré-escola, complementando os anos iniciais das escolas municipais, para, em 1988, receber autorização de funcionamento e adicionar o Ensino Fundamental à escola. Em 2003, com a inserção também do Ensino Médio, passou a se chamar Aitiara Escola Waldorf de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. No mesmo ano, a escola

recebeu um certificado de filantropia que possibilita à Aitiara acolher diversos alunos, independentemente do pagamento de mensalidade.

A visita na Aitiara foi durante os dias 23 e 24 de setembro. Cheguei a Botucatu no dia 22, à noite, e me hospedei na casa de um dos alunos do Espaço São Micael. No dia seguinte, fui com ele de ônibus até a escola e, ao chegar, fui para a Aitiara, enquanto ele se deslocou para outro local. Fui conduzida à sala do segundo ano, onde fiquei até a hora do intervalo. Como a escola está localizada na área rural, entrei em contato com uma pessoa que aluga quartos em sua chácara para me hospedar durante uma noite. A escola é muito visitada tanto por turistas estrangeiros quanto por interessados na pedagogia e, por isso, é comum que as pessoas aluguem quartos das próprias casas aos visitantes.

Também pude conhecer um local próximo à Aitiara, fundado por alemães em 2006, onde há um trabalho com a Pedagogia Curativa, *Heilpädagogik* em alemão, que lida com pessoas que têm necessidades especiais com base na Antroposofia: o Espaço São Micael – de nome parecido à escola de Bauru.

Também chamada de educação terapêutica ou terapia social, surgiu em 1924, e é uma ação que abrange os campos da Pedagogia, da Psicologia e da Medicina. Atenta ao desenvolvimento cronológico da pessoa, concomitante às dificuldades físicas e psíquicas que não são vistas como um fator ruim, e sim como um extremo de algo natural presente em cada um. Como na Pedagogia Waldorf, os elementos do ritmo e da forma, da arte e da criatividade são fundamentais.

Por fim, de Botucatu parti para São Paulo conhecer a Escola Waldorf Rudolf Steiner, onde participei de uma visita em grupo no dia 25 de setembro. Diferentemente das outras escolas, nessa não foi possível acompanhar as aulas. De acordo com uma das responsáveis, já houve problemas com pessoas que fizeram esse tipo de acompanhamento. As visitas são programadas aos sábados, geralmente para alunos de Pedagogia conhecerem a escola. Tive sorte em conseguir visitar a escola, porque as visitas, antes realizadas mensalmente, passaram a acontecer apenas uma vez por ano. Apesar de andar pelas dependências do local não ser o objetivo do trabalho, foi uma experiência enriquecedora, uma vez que foi a primeira escola Waldorf do país, criada em 1956, e também pude fortalecer os conceitos a respeito do método. No local foi possível assistir a uma apresentação dos alunos de algumas séries que exemplificava o significado da pedagogia. E, sem dúvida, foi interessante conhecer uma escola que foge da rotina caótica de São Paulo.

No início as pessoas demonstravam certa desconfiança, mas, aos poucos, senti que era bem-vinda. Em cada aula que assistia, o professor me apresentava para a sala e pedia para que

eu comentasse o meu trabalho. Em uma das aulas, até ministrei uma pequena palestra sobre a profissão de jornalista.

As entrevistas foram reduzidas, já que a intenção era não depender de ferramentas como o telefone ou a internet. Seguindo o que José Carlos Sebe Bom Meihy explica em “O Manual de História Oral”, “não se pretende uma história oral em que os recursos tecnológicos supram a necessidade dos contatos diretos. Não se faz história oral por telefone ou por qualquer outro meio que anule a relação direta com as pessoas.” O objetivo principal era o corpo a corpo com alunos, pais e professores e prestar atenção em qualquer gesto, palavra ou tom de voz que pudesse receber uma atenção especial.

5.2 Capítulos

O livro foi dividido em 17 capítulos e é apresentada ao leitor uma reflexão sobre o modo de vida atual, preso às tecnologias e pouco preocupado com a questão da educação no país. Cita as deficiências do sistema de ensino brasileiro e coloca a Pedagogia Waldorf como uma alternativa de aprendizagem que se preocupa com o desenvolvimento social e psicológico da criança, além do intelectual.

Os dois primeiros capítulos explicam o surgimento da Pedagogia Waldorf, seu contexto histórico, os fundamentos e a atuação no Brasil. Questiona a raridade do tema nos meios de comunicação brasileiros e também a superficialidade com que é tratado quando em questão.

O terceiro e o quarto capítulo relatam o primeiro contato com as duas escolas que adotam a Pedagogia Waldorf em Bauru, primeiro durante a Festa Junina e depois em um dia comum de aula na escola. Nos dois capítulos seguintes, é feita a descrição de algumas aulas na Viver Escola Waldorf de Bauru e a da rotina dos alunos com as impressões iniciais tanto dos alunos, quanto da jornalista. O sétimo capítulo volta para a parte teórica tratando da organização institucional das escolas, incluindo a formação de professores e avaliação dos alunos.

O oitavo capítulo é uma entrevista com um dos pais de alunos que explica desde o momento que decidiu colocar sua filha na escola, passando pelas características da Pedagogia, diferenciando-a do ensino tradicional, e até uma reflexão sobre o processo de formação do ser humano.

O capítulo nove descreve uma das aulas mais interessantes dos alunos Waldorf, a Eúritmia, característica da Pedagogia Waldorf, também criada por Rudolf Steiner, que é uma matéria que traduz a linguagem em movimento. Demanda concentração, treinamento e sensibilidade. Cada fonema representa um movimento diferente relacionado ao som, à forma ou até função do objeto. É extremamente difícil, para quem nunca viu, entender o significado de cada movimento e as palavras que se formam.

Do capítulo dez ao catorze há o relato da experiência na escola Aitiara começando pela chegada em Botucatu e impressões do local. Depois, a descrição da aula do segundo ano do ensino fundamental e um capítulo separado para contar sobre um aluno da sala que fez um desenho e me deu de presente. Sigo com o relato das últimas experiências na cidade com a entrevista de uma funcionária que trabalha no bairro Demétria há 40 anos, e sobre a estadia em uma das chácaras de um dos condomínios do local. Por fim, no capítulo catorze, trato da entrevista realizada no Espaço São Micael, próximo à Aitiara, que trabalha com a Terapia Social, igualmente fundamentada na Antroposofia, como a Pedagogia Waldorf.

No capítulo quinze, relato uma das aulas que presenciei do décimo segundo ano, o mais conhecido como terceiro colegial. E já se diferenciando das escolas tradicionais, onde o último ano de Ensino Médio é só estudo teórico, conto sobre o excelente espetáculo que os alunos da Viver Escola Waldorf de Bauru apresentaram no Teatro Municipal de Bauru, nos dias 28 e 29 de agosto de 2010.

O capítulo seguinte conta a manhã que passei em São Paulo, na escola Waldorf Rudolf Steiner, que surgiu em 1956 e foi a primeira escola Waldorf do Brasil. A visita foi monitorada, como acontece anualmente, e começou por volta de 8h30 com a apresentação de algumas salas do ensino fundamental e terminou perto da hora do almoço, quando finalizamos a visita pelas salas das matérias do Ensino Médio.

O último capítulo do livro é um desafio à reflexão tratando dos preconceitos que a Pedagogia Waldorf sofre pelo caminho e suas explicações. Será que todos os aparatos tecnológicos que temos ao redor realmente estão facilitando nosso dia-a-dia? Será que, para as crianças serem adultos bem-sucedidos na vida pessoal e profissional, precisam viver como adultos desde o maternal?

Concluo como foi a experiência de conhecer a Pedagogia Waldorf, a qual até este ano nunca tinha ouvido falar. Também há uma breve descrição das gerações que surgiram nos últimos 50 anos, inclusive a mais recente, a geração Z, que justifica parte dos problemas na escola e na família atualmente. A geração Z não tem paciência para esperar e prefere o contato via internet a pessoalmente. Apesar de ser ágil e esperta, às vezes não desenvolve algo

por completo pela impaciência e necessidade de começarem a fazer outra coisa. Para finalizar, o encerramento do capítulo explica o significado da capa do livro.

6. PROJETO GRÁFICO

A fonte escolhida para o corpo do texto do livro-reportagem é a Garamond, tamanho 12, com espaçamento de 14,4. O estilo tipográfico foi esse por ser uma fonte serifada, que proporciona boa sensação e menos cansaço na leitura – sem “pesar” na diagramação. Os títulos de capítulos apresentam também a mesma letra, porém, com tamanho 18.

A fonte dos títulos e dos números dos capítulos são baseadas no logo utilizado pelas escolas, que segue a aparência de madeira esculpida. Impreterivelmente, a capa e as páginas com fotografias são coloridas, pois a cor é uma das características das aulas, do jardim ao décimo segundo ano escolar.

As imagens do livro são todas fotografias tiradas por mim nas quatro escolas Waldorf visitadas: Jardim São Micael e Viver Escola Waldorf de Bauru (Bauru), Aitiara (Botucatu) e Rudolf Steiner (São Paulo). Em nenhuma delas, por norma da escola, foi permitido tirar fotos diretamente de crianças e adolescentes. As fotografias são de extrema importância, pois é a partir delas que o leitor compreenderá melhor o que leu no livro. É imprescindível que as fotos sejam colocadas em sua cor original.

6. CRONOGRAMA

Etapas	2010						
	Jun	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov	Dez.
1. Levantamento bibliográfico	X						
2. Leitura e fichamento da bibliografia	X	X	X				
3. Organização da base teórica		X	X				
4. Entrevistas			X	X	X		
5. Confecção dos Capítulos			X	X	X	X	
6. Elaboração e revisão do projeto					X	X	
7. Apresentação do projeto experimental							X

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer um livro-reportagem sobre um tema recém-conhecido requer certo cuidado, pois o perigo do pré-julgamento é constante. Quando comecei a ler sobre o assunto, interessei-me positivamente e tinha como certo que iria gostar das escolas, quando as conhecesse. De fato, foi isso que aconteceu e fiquei apreensiva em, talvez, idealizar o método. Certamente há coisas para melhorar em termos de divulgação e acesso, por exemplo. Além disso, cada escola busca da melhor forma possível colocar em prática todos os fundamentos da Pedagogia Waldorf, mas todos, como seres ainda em formação, são passíveis a falhas.

Esse livro me deu a percepção de como pequenas coisas podem fazer a diferença no desenvolvimento de uma pessoa e que falta, tanto na vida pessoal quanto na profissional, a preocupação com o outro, o deixar de olhar para si como centro do mundo e perceber na outra pessoa grandes possibilidades de aprendizagem.

Quanto à produção em si, não posso deixar de citar que o fato de fazer estágio em uma televisão, desde abril deste ano, foi uma das principais barreiras para que eu conseguisse cumprir o que havia planejado. Os planos tiveram que ser modificados várias vezes, como também não consegui disponibilizar o tempo que realmente desejava para a produção do livro. Apesar disso, consegui apreender a essência da Pedagogia Waldorf e suas diversas características. Busquei colocá-las da forma mais clara possível para o leitor que não tinha um conhecimento prévio desse método de ensino.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Caco. **Abusado**. Record, 2003.

EMANUEL, Teresa Cristina de Oliveira. **A Pedagogia Waldorf**. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. **Pedagogia em Foco**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per14.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

Escola Waldorf Rudolf Steiner. Disponível em: <<http://www.rudolfsteiner.com.br>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

LANZ, Rudolf. **Noções Básicas de Antroposofia**. São Paulo: Antroposófica, 2002.

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf**. São Paulo: Antroposófica, 2000.

MIZOGUCHI, Shigueyo Miyazaki. **Federação da Escolas Waldorf no Brasil**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto a venda**. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **O que é livro-reportagem?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem com extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.

SETZER, Waldemar. **Uma Introdução Antroposófica à Constituição Humana**. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer>>.

STEINER, Rudolf. **A Arte da Educação III**. São Paulo: Antroposófica, 2000.

9. ANEXOS

*Entrevista

Nome: Henrique Costa Lopes

Idade: 21 anos

Cidade natal: Botucatu

Onde mora atualmente: Botucatu

Profissão: Estudante/Estagiário

- Em que ano e série entrou na escola Aitiara?

6º ano - 5ª Série. (no local já havia 9 anos de Ensino Fundamental)

- Quantos anos estudou na escola?

Estudei durante 4 anos, do 6º ao 9º ano

- Se deixou a escola antes do 12º ano, qual foi o motivo?

Saí no 9º ano. A escola ainda não havia formado seu 12º ano e não passava confiança de um Ensino Médio forte para quem almejava uma faculdade. Houve muitas mudanças no quadro de docentes, o que influenciou muito na minha escolha de sair da escola.

- O que você entende por pedagogia Waldorf?

Entendo que a Pedagogia Waldorf é um processo educativo que se baseia no desenvolvimento humano intelectual e espiritual, não preocupado somente com o intelectual. É uma pedagogia que exige do aluno tanto a teoria quanto a prática, saber como funciona é tão importante quanto fazer funcionar.

- O que acha do método de ensino da escola?

A escola tem um método de ensino bom, estimula a pensar e agir, ao passo que sempre dá ao aluno oportunidade de vivenciar experiências para compreender melhor.

- Quais são os pontos positivos e negativos da escola?

A pedagogia Waldorf tem como ponto positivo o estímulo ao desenvolvimento humano e, no que se refere à personalidade do aluno, um método de ensino diferente do convencional, que chama atenção do aluno para um mundo que ele desconhece. O ponto negativo é que, apesar de ter um próprio método de ensino, sofre muita influência de outros métodos, ocasionando uma confusão de ensino. Porém, isso ocorre, pois o mundo exige coisas e a Pedagogia Waldorf preocupa-se com mais coisas que somente a injeção de teoria no aluno. Ao sair da escola Waldorf, o aluno é inserido em um mundo completamente diferente, que não está preocupado com seu desenvolvimento pessoal, mas sim no que você pode fazer para este mundo um tanto quanto egoísta. As faculdades brasileiras não aceitam alunos por seu aprendizado adquirido pelo longo da vida ou pela capacidade lógica e instrumental das coisas, e sim pela teoria decorada ao longo de sua vida, sendo que mais de 70% dessa teoria decorada serão jogadas fora após o vestibular. A Pedagogia Waldorf ensina a usar toda a teoria para uma prática, mas o mundo quer toda teoria para continuar ser apenas teoria.

- Se tivesse um filho agora, você o colocaria nessa escola?

Nos primeiros passos de seu aprendizado escolar, SIM, para desenvolver sua personalidade e sua curiosidade pelo o que lhe é ensinado, mas traria ele ao ensino convencional para que ele pudesse se preparar de fato a qualquer mundo que for apresentado.

- Alguma outra observação?

Os anos que passei na escola Aitiara, de pedagogia Waldorf, valeram a pena e me ajudaram a encontrar minha personalidade. Além do ensino, as pessoas que conheci foram marcantes para a minha vida. Todos, de algum modo, ajudam o aluno em seu desenvolvimento, o que torna a escola em um lugar agradável.

*Depoimento: Cláudio – Viver Escola Waldorf de Bauru

O início da minha história com a pedagogia Waldorf foi quando eu tive minha primeira filha, a Natália, que hoje está com 18 anos. Conhecendo um pouco das escolas tradicionais, inclusive a qual frequentei, e também porque eu via sobrinhos... eu não queria aquilo para minha filha. Também naquela época já havia problemas com as escolas públicas. Era uma preocupação minha, mas que se estende a vários pais. Para mim, todas as crianças são ternas e vão se amassando com o mundo. Mas a minha preocupação era onde iria matricular minha doce filha quando precisasse entrar na escola. Todas são quadradas, querem modelar seu filho naquele formato e, se não conseguirem, repetem o ano. As professoras eram muito incisivas e tratavam todas as crianças iguais. Eles querem construir a pessoa de uma forma, senão ela não serve para o mundo. E a relação interpessoal entre os alunos da escola era muito difícil também.

Grande parte dos pais que vem para cá não é por causa da ampla divulgação da escola, mas pela intuição ou algo que a faz caminhar para cá. No meu caso, uma antiga amiga me entregou um papel de uma palestra que teria aqui sobre os setênios. Nunca tinha ouvido falar. Esse papelzinho me chamou atenção, fui à palestra e gostei do que ouvi. Uma das coisas é que eles tratam a criança em cada fase da vida, dividida de sete em sete anos. Desde o nascimento até a prontidão para o jardim. Depois dos sete anos ela está pronta para a alfabetização. Era isso o que eu buscava e que em outras escolas não tinha. Daquele momento em diante me apaixonei pela escola.

Esperei a idade certa da Natália entrar na escola, com 4 anos. Eles analisam quando a criança está pronta. A hora em que ela quis sair para dormir na casa da avó foi um sinal de que ela estava pronta para ir para o jardim. Com 4 anos ela fez a malinha e quis ir até a casa da avó dormir, coisa que ela nunca tinha feito. Esse é um indício da prontidão para o jardim da infância. Ela foi matriculada e eu comecei a participar da escola como pai e colaborador.

Há muito respeito por cada criança porque cada uma tem seu ritmo. E a professora verifica em cada um os pontos a serem melhorados e os trata individualmente, não como um pacote. A primeira passagem é do lar para o mundo, a segunda é do jardim para o ensino fundamental. Tudo é um processo de transição, nada é brusco. Depois do jardim, para o primeiro ano, é que vem a alfabetização. Antes disso não, é explorado o lado criativo, das fantasias. Muitas histórias contadas já contêm algumas verdades da vida. Explora muito o sentir da criança, que é extremamente necessário. É um alimento espiritual que vai formar um ser pensante, lá na frente, com 21 anos de idade. A fantasia é essencial para a criança, coisa que eu não sabia antes.

O mundo da competição leva muita gente a pensar no filho pronto para o comércio e o dinheiro. Esquecem que nem sempre foi assim na história da humanidade. As pessoas tinham tempo para pensar, contemplar, olhar a natureza. Isso foi se perdendo. Hoje a criança é colocada desde cedo para aprender computação, o que é um absurdo. Vem tudo mastigado e pronto, a criança não pensa. Não consegue inventar. Você pede para uma criança escrever uma redação e muitas vezes ela não consegue porque perdeu esse alimento com o tempo. Devemos levar isso em consideração, não só pelo próprio filho, mas com a responsabilidade que temos com a sociedade. Do jeito que está não é o caminho e estamos colhendo as falhas do último século, com esse caos econômico, relacionamento humano onde as pessoas quase não se olham, não conversam...

Muita coisa precisa ser feita ainda nessa escola, mas acredito que estamos na direção certa. O organismo escola depende dos seres humanos e nós somos seres humanos em formação e, por isso, ninguém é perfeito. Todos os membros ainda estão em crescimento de formação como indivíduo. Todos têm falhas e dificuldades. Nós somos um planeta em formação e por isso ainda há muitas falhas. Muitas vezes, essa dificuldade em entender, elogiar e perdoar o outro é que atrapalha o caminhar.

Os alunos que estão aqui hoje vão colher alguma coisa melhor com seus filhos e netos. A gente vê pessoas maravilhosas saindo daqui, mas o que eu quero dizer é que nem tudo é perfeito e não é com todos os alunos que conseguimos atingir nossos objetivos. Eu, por exemplo, tenho outro filho, o Daniel, portador de necessidades especiais. Ainda não temos estrutura para atender ele porque é uma coisa que também depende da parte física e técnica. Mas a compreensão que essa escola tem com os alunos especiais ou que venham com problemas causados pelo massacre em outras escolas é incrível. Pode não consertar 100%, mas melhora muito, é incrível. A própria classe acolhe como se fosse uma família e até o décimo segundo como se fosse irmão. O Daniel nunca foi tratado diferente dos outros, eles sempre buscam incluí-lo na sala.

Desde o início a gente participa, tanto que os pais também se reúnem constantemente para confraternizar em algum final de semana. Fortalece a união, além de participar da construção da escola, tanto no aspecto físico quanto social. Já reformei vários brinquedos aqui. Isso faz da escola um ser vivo, com a participação de pais, alunos e professores.

Talvez essa seja uma ilha dizendo que esse é o caminho certo. Se cada um tivesse essa união, o ambiente seria diferente. Tudo isso tem a mão de quem gosta da escola, não é feito por funcionários externos e pagos, tem a participação ativa de pais e professores. Não são 100% dos pais que entendem, tem aquele que larga o filho e vai embora, acha que a escola vai consertar e não pensa que ele também tem essa função. O pai é maestro. Muitos não se mantêm na escola porque não se adaptam.

Diferenças: dá para perceber na parte de saber se virar sozinha, eles são muito bem resolvidos no querer deles. Minha filha, por exemplo, há dois anos estava em dúvida e decidiu que queria ser professora Waldorf. Isso veio com uma força muito grande.

A gente fala sobre a dificuldade de ser professor, mesmo assim é o que ela quer. O querer é muito forte, uma vontade de inovar. É diferente de outras crianças nas outras escolas. A gente percebe um elo frágil daquilo que a criança quer e se ela vai até o final. Começa o trabalho e para. O lado emocional também fica frágil porque são crianças que conseguem falar de si, expressam o que sentem. Foi cultivada essa troca na escola: o que está sentindo, o que precisa falar. Coisas que não se conseguem em outras escolas. Isso é impagável porque hoje em dia a coisa mais difícil é se abrir, a gente guarda muito sentimento e mágoa e isso acarreta em muitas doenças.

Corpo físico: está agravando cada vez mais. Crianças obesas porque só ficam em frente do computador, não andam a pé. Há uma dificuldade de certos pais porque estamos muito envolvidos com informática e televisão. Em todas as reuniões os professores batem nessa tecla de assistir menos à TV, permanecer por menos tempo no computador. Brincadeiras que antes faziam parte, agora foram abolidas. As escolas de fora estão preocupadas com outras coisas. Há propagandas dizendo que há na escola um computador por aluno, e o que vai trazer esse tipo de suporte? Há um prejuízo físico grande. Mas o prejuízo maior é como ser humano, como ser criador e pensante.

*Entrevista – Espaço São Micael – Botucatu

Eu e Thomas trabalhávamos na Alemanha em outra entidade antroposófica, onde trabalham e moram pessoas com necessidades especiais. Era uma entidade nova, onde fomos co-fundadores. Nossa ideia nasceu na Alemanha como motivo de ajudar e iniciar uma entidade que lide com pessoas especiais. O meu marido sempre trabalhou em várias instituições com pessoas que possuem necessidades especiais: crianças, adultos, cegos, surdos, com problemas mentais, intelectuais. E, nos últimos oito anos, ele fez o seu estudo na faculdade sobre terapia social.

A minha profissão é ecoantropóloga, algo entre meio ambiente e nutrição. Encontramo-nos na universidade e fomos para uma entidade. O primeiro contato foi na Sociedade Antroposófica mundial, em um congresso. Encontrei alguns brasileiros, foi feito o primeiro contato e nasceu esse impulso de vir para o Brasil. Fiquei sabendo do bairro Demétria e, como vínhamos para outro país, precisávamos de uma escola Waldorf para os nossos filhos.

Chegamos em setembro de 2006 e começamos o trabalho na nossa casa, com alunos jovens, ex-alunos da Aitiara. Os professores também ajudaram a fazer contato, já que chegamos sem falar português. E assim crescemos, com cinco alunos na nossa turma ou escola. Começamos com oficinas em outubro de 2006.

Em abril de 2007 o agricultor dessa fazenda nos ofereceu um prédio desocupado. Com a ajuda de colegas, ocupamos o local, fomos crescendo com terapeutas e alunos. Hoje temos 15 alunos e trabalhamos a semana inteira. Temos as oficinas de culinária onde eles fazem almoço, oficina de bambu, velas e tecelagem. Temos uma pequena horta e fazemos terapia de música e arte.

Parte jurídica: no começo a Aitiara ajudou com a pessoa jurídica, senão não conseguiríamos começar. Depois entraram os pais e nós conseguimos fundar a associação.

O primeiro passo foram os estatutos. Demorou muito tempo para conseguirmos o *status* de utilidade pública municipal. Com isso, nós temos que correr atrás da sustentabilidade e agora falta ajuda estadual e federal. Temos parceria com a APAE (Associação dos Pais e Amigos do Excepcionais), o Tear (outra associação de trabalho sociais)...

Um passo muito grande, ocorrido há um ano, é a parceria com o cantídio – hospital psiquiátrico de Botucatu -, para adultos esquecidos. Eles são da prefeitura e vêm da lá para cá, o que os ajuda a ter uma vida digna, pois não ficam abandonados. A abordagem da terapia social difere das outras como a Pedagogia Waldorf porque você inclui e vê a pessoa como um todo. Aqui eles aprendem a serem gentis, a se expressarem gentilmente. “Por favor”, “obrigada” é algo natural, assim como a higiene. Tem alguns que não sabiam nem comer com garfo e faca. É um trabalho de formiguinha. Vejo progressos incríveis, o pessoal do cantídio ficou impressionado com a melhora. A convivência entre eles, com a natureza. Eles fazem tudo desde o começo: tear com fibra de banana, vela de cera de abelha, entre outros.

É uma realidade nova para a cidade. No Brasil, pessoas com necessidades especiais ficam em casa. Ficam na casa da família, abandonado em um quarto. Falta esse estímulo de vida social. Na Alemanha é diferente, há inclusão social. Aqui muitos não têm noção da capacidade da criança, têm vergonha. O trabalho com os pais também faz parte. Como estrangeiros, temos

que nos adaptar também, senão não funciona. Tem que ir devagar para não assustar ninguém e chamar as pessoas.

Temos que procurar o caminho do Estado, da iniciativa privada e dos pais. Agora talvez consigamos um transporte, o que vai facilitar para muitos. Parte por parte. Depois temos que aumentar o número de alunos.

Fazemos uma festa por ano porque é muito trabalhoso. Essa vai ser a segunda festa da primavera que realizamos.

*Peça de teatro – “A menina da lanterna”, de Erika Kressler

“Eu vou com minha lanterna,
Com minha lanterna na mão
No céu brilham estrelas,
Na terra brilhamos nós.
Se a luz se apagou
BUSCÁ-LA eu vou
com minha lanterna na mão.”

Era uma vez uma menina que carregava alegremente a sua lanterna pelas ruas. De repente chegou o vento, que com grande ímpeto apagou a lanterna da menina.

– Ah! - exclamou a menina - Quem poderá reacender a minha lanterna?

Olhou para todos os lados, mas não achou ninguém..

Apareceu, então, um animal muito estranho, com espinhos nas costas, de olhos vivos, que corria e se escondia muito ligeiro pelas pedras. Era um ouriço.

– Querido ouriço! - exclamou a menina - O vento apagou a minha luz. Será que você não sabe quem poderia acender minha lanterna?

E o ouriço disse a ela que não sabia, que perguntasse a outro, pois precisava ir para casa cuidar dos filhos.

“-Não sei dizer-lhe,
pergunte a outro!
não posso demorar,
corro para casa,
dos filhos vou cuidar!”

A menina continuou caminhando e encontrou-se com o urso, que caminhava lentamente. Ele tinha uma cabeça enorme e um corpo pesado e desajeitado, e grunhia e resmungava.

– Querido urso! - falou a menina - O vento apagou a minha luz. Será que você sabe quem poderia acender a minha lanterna?

E o urso da floresta disse a ela que não sabia, que perguntasse a outro, pois estava com sono e ia dormir e repousar.

“- não sei dizer-lhe.
Pergunte a outro,
Estou com sono.
Vou dormir e repousar.”

Surgiu, então, uma raposa, que estava caçando na floresta e se esgueirava entre o capim. Espantada, a raposa levantou o seu focinho e, farejando, descobriu a menina e mandou que ela voltasse para casa, porque a menina espantava os ratinhos.

“- Que fazes aqui na floresta?
Volte para sua casa.
não vês? Estou caçando
e você afugenta os ratinhos!

Com tristeza, a menina percebeu que ninguém queria ajudá-la. Sentou-se sobre uma pedra e chorou.

Neste momento surgiu uma estrela que lhe disse para ir perguntar ao Sol, pois ele poderia ajudá-la. Depois de ouvir o conselho da estrela, a menina criou coragem para continuar o seu caminho. Finalmente, chegou a uma casinha, dentro da qual avistou uma mulher bem velhinha, sentada, fiando em sua roca. A menina abriu a porta e a cumprimentou.

– Bom dia, querida vovó.
– Bom dia, menina.

A menina perguntou se ela conhecia o caminho até o Sol e se ela queria ir com ela, mas a velha disse que não podia acompanhá-la, porque ela fiava sem cessar a sua roca não podia parar. Mas pediu à menina que descansasse um pouco, pois o caminho era muito longo. A menina entrou na casinha e sentou-se para descansar. Pouco depois, pegou a lanterna e continuou a sua caminhada. Mais para frente encontrou outra casinha no seu caminho, a casa do sapateiro. Ele estava sentado à porta, consertando muitos sapatos. A menina cumprimentou-o e perguntou se ele conhecia o caminho do sol e se queria ir com ela procurá-lo. Ele disse que não podia acompanhá-la, pois tinha muitos sapatos para consertar. Deixou que ela descansasse um pouco, pois sabia que seu caminho era longo. A menina entrou e sentou-se para descansar. Depois que descansou, pegou a sua lanterna e continuou a caminhada.

Bem longe, avistou uma montanha muito alta. Com certeza, o Sol mora lá em cima, pensou a menina e pôs-se a correr, rápida como uma corsa. No meio do caminho, encontrou uma criança que brincava com uma bola. Chamou-a para que fosse com ela até o Sol, mas a criança nem respondeu. Preferiu brincar com sua bola e afastou-se saltitando pelos campos. Então, a menina da lanterna continuou sozinha o seu caminho. Foi subindo pela encosta da montanha.

Quando chegou ao topo, já era noite e o sol não estava lá.

– Vou esperar aqui até o Sol chegar - pensou a menina e sentou na terra.

Como estava muito cansada de sua longa caminhada, seus olhos se fecharam e ela adormeceu.

O Sol já tinha avistado a menina há muito tempo. Então, ao amanhecer, ele desceu bem devagarinho, para não acordar a menina e acendeu a sua lanterna. Depois que sol voltou para o céu, ela acordou.

- oh! A minha lanterna está acesa! - Alegremente agradeceu ao sol e pôs-se a caminho novamente.

“- Minha luz vou levando,
Sempre dela cuidando!

Se alguém precisar,
dela posso lhe dar.”

Na volta, reencontrou a criança, que lhe disse Ter perdido a bola, não conseguindo encontrá-la por causa do escuro. As duas crianças procuraram, então, a bola. Após encontrá-la, a criança afastou-se alegremente.

“- Minha luz vou levando,
Sempre dela cuidando!
Se alguém precisar,
dela posso lhe dar.”

A menina da lanterna continuou o seu caminho até o vale e chegou à casa do sapateiro, que estava muito triste, na sua oficina. Quando viu a menina, disse-lhe que seu fogo tinha apagado e suas mãos estavam frias, não podendo, portanto, trabalhar mais. A menina acendeu a lanterna do sapateiro, que agradeceu, aqueceu as mãos e pôde martelar e costurar os seus sapatos.

A menina continuou lentamente a sua caminhada pela floresta:

“- Minha luz vou levando,
Sempre dela cuidando!
Se alguém precisar,
dela posso lhe dar.”

E chegou ao casebre da velhinha. Seu quartinho estava escuro. Sua luz tinha se consumido e ela não podia mais fiar. A menina acendeu nova luz. A fiandeira agradeceu e logo a sua roca girou sem cessar, fiando, fiando sem cansar.

“- Minha luz vou levando,
Sempre dela cuidando!
Se alguém precisar,
dela posso lhe dar.”

Depois de algum tempo, a menina chegou ao campo e todos os animais acordaram com o brilho de sua lanterna.

A raposinha, ofuscada, farejou para descobrir de onde vinha tanta luz. O urso bocejou, grunhiu e, tropeçando desajeitado, foi atrás da menina. O ouriço, muito curioso, aproximou-se dela e perguntou de onde vinha aquele vaga-lume gigante.

a menina ABRAÇOU A CADA UM E voltou muito feliz para sua casa, sempre cantando sua canção:

“-Eu vou com minha lanterna,
Com minha lanterna na mão!
No céu brilham estrelas,
Na terra brilhamos nós.”

*Clipping – Pedagogia Waldorf